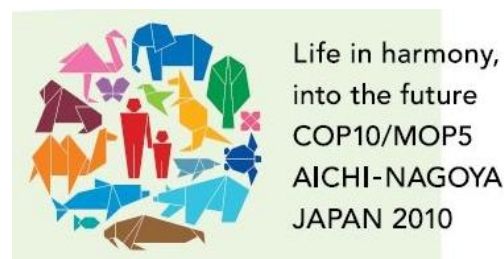


A Estratégia Internacional da Conservação da Biodiversidade nas Cidades

[Malmequer, Bem-me-quer, muito, pouco ou nada...]

João Alves

Director do Departamento de Gestão de Áreas Classificadas - Sul, ICNB, I.P.



Resumo de apresentação

A "biodiversidade", enquanto chavão divulgado pelos *media* e assumido pelo público em geral, surgiu há cerca de 10 anos, na sequência da Conferência do Rio, embora a sua origem remonte a 1985 e o conceito subjacente já fosse amplamente utilizado, no meio científico das ciências biológicas e no meio técnico-administrativo da conservação da natureza, enunciado através de expressões menos fortes, como eram a diversidade biológica, a diversidade genética, a diversidade inter e intra-específica, os quais não lograram obter uma penetração tão ampla e atingir com tanto sucesso o público em geral e, com isso, levar os decisores e os políticos a utilizá-lo largamente e, por vezes, de modo pouco contextualizado, nos seus programas e campanhas eleitorais.

Se inicialmente, a preocupação com a biodiversidade, assumida ao nível planetário, teve na sua génese, as vultuosas mais-valias que as multinacionais dos países desenvolvidos, ligadas à biotecnologia, obtinham com a exploração desregrada das espécies biológicas que recolhiam em regiões subdesenvolvidas, sem que da mesma, algum benefício, mínimo que fosse, revertesse para as populações das mesmas, e incidindo assim, em termos geográficos, essencialmente nas áreas mais recônditas ou mais selvagens do planeta (basicamente sobre a faixa inter-tropical, da qual a Amazónia era o expoente máximo), rapidamente se percebeu que o conceito era muito mais abrangente e que a preocupação se deveria estender a todo o planeta e a todos os ecossistemas terrestres, aquáticos e marinhos, de carácter predominantemente natural.

A biodiversidade constitui um elemento chave dos ecossistemas, sendo pois vital para a sobrevivência da humanidade, e que está presente, para o "bem" e para o "mal", em todos os locais do planeta, desde as regiões mais inóspitas, até à sala mais esterilizada do mais sofisticado hospital (vejam-se as letais infecções bacterianas, originadas em meio hospitalar, supostamente asséptico).

De facto, podemos ter biodiversidade em locais tão impensáveis como as grandes cidades, seja nos bairros mais luxuosos com jardins privativos e parques urbanos, seja nos bairros de lata (pragas de ratos e pombos, baratas, outros insectos, etc.), seja no "quintal" ou na "horta" suburbana, seja ainda, na nossa casa, nas alcatifas e tapetes, ou, terror dos alérgicos, nos colchões das nossas camas (pulgas, ácaros, piolhos), ou nas gavetas e prateleiras dos nossos apartamentos (traças, bichos-de-prata, etc.).

Sem entrar no mundo da biodiversidade microscópica, tema mais adequado, talvez, para um congresso sobre higiene urbana ou medicina preventiva, abordar-se-á os aspectos mais relevantes do contributo que o meio urbano das grandes metrópoles, e até mesmo, das cidades médias, pode representar para o esforço global de preservar a biodiversidade deste planeta, na qual, afinal de contas, a própria espécie humana, é parte integrante.

Face a este contexto, quer as Nações Unidas, quer o Conselho da Europa, quer a IUCN, quer a Comissão e Parlamento da UE, já elegeram e integraram nos seus programas internacionais, o papel que os espaços verdes em meio urbano podem assumir para contribuir para sustentar a perda de biodiversidade até ao final da década, que este ano se iniciou, como o demonstra a sua integração na última cimeira da CBD, realizada em Nagoya no Japão, onde a biodiversidade em meio urbano mereceu destaque em sessões específicas.